

A leitura em cartuns, piadas e *memes*: o humor em discursos sobre essa prática

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v52i2.3622>

Jeniffer Aparecida Pereira da Silva¹
Luzmara Curcino²

Resumo

Com vistas a descrever discursos sobre a leitura e certas representações de leitores que circulam entre nós na atualidade, analisamos textos do campo humorístico, tais como o cartum, a piada e o *meme* que tematizam essa prática. Nossa análise buscou responder a questões como “do que se ri, quando um texto humorístico enuncia a respeito da leitura?”, “o que normalmente se enuncia sobre essa prática e se torna o mote para o riso nesses textos humorísticos?”. O que constatamos com essa análise, apoiada em princípios da Análise de Discurso e em estudos dedicados à leitura no Brasil, é que, dada a força dos discursos consensuais sobre a leitura, os textos humorísticos que se dedicam ao tema tendem a reforçar esses consensos, tornando motivo de riso as práticas e os sujeitos em dissenso com esses discursos.

Palavras-chave: leitura; Análise do Discurso; humor.

1 Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, São Paulo, Brasil; jeniffermaps@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0003-2384-3943>

2 Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, São Paulo, Brasil; luzcf@ufscar.br; <https://orcid.org/0000-0003-3555-1446>

Reading cartoons, jokes and memes: humor in speeches about this practice

Abstract

In this analysis, to discovering discourses about reading and representations of readers, we turned to texts from the humorous field, such as the cartoon, joke and meme that dealt with this practice. Our analysis sought to answer questions such as “what is laughed about, when a humorous text is the subject of reading?”, “what is normally stated about reading and becomes a motto for humorous texts or laughs?”. We verified with this analysis, supported by the principles of Discourse Analysis and in studies dedicated to reading in Brazil, that, given the force of consensual discourses on reading, the humorous texts that are dedicated to the subject tend to reinforce these consensuses, turning reason for laughter as practices and subjects in dissension with these discourses.

Keywords: reading; Discourse Analysis; humor.

Introdução

A leitura é tema que impõe seriedade. As representações que em geral compartilhamos como sociedade acerca dessa prática e dos leitores impõem tratá-la de modo sério, até cerimonioso. O máximo de concessão de desvio desse tom com que se deve falar dessa prática é ao entusiasmo de uma enunciação elogiosa. Essa seriedade na enunciação da leitura se impõe inclusive em textos com finalidades humorísticas, como tirinhas, charges, cartuns, piadas e *memes*.

Apesar da informalidade que em geral se observa em gêneros humorísticos e da relativa liberdade de que dispõe o humor de, por seu intermédio, se poder dizer aquilo que normalmente não se diria, esse regime de enunciação está suscetível, como qualquer outro, à “ordem dos discursos”³. Assim, as formas consensuais de se enunciar sobre um tema se impõem, mesmo nessa terra que se crê ser de ninguém, nesse território que se pretende livre para enunciar, e que o faz sob a alegação do direito à ironia, à hipérbole, à caricatura e ao absurdo em benefício da crítica, do riso. O humor, em tese, imunizaria o

3 A “ordem do discurso”, na definição de Michel Foucault, concerne ao fato de que “a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. Em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de exclusão. O mais evidente, o mais familiar também, é a interdição. Sabe-se bem que não tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa” (Foucault, 2014, p. 8-9).

dizer dos riscos de repreensão e de diversas formas de sanção sociais e culturais que incidiriam sobre outros gêneros.

No entanto, parece haver temas intocáveis pelo que haveria de ácido, ferino e incisivo no humor. É como se dispusessem de uma blindagem que tanto lhes faria menos acessíveis como também menos expostos à crítica, à derrisão, à ironia, à subversão de suas qualidades em defeitos, à carnavalização de sua seriedade. A leitura é um desses temas. Ela goza de um duplo privilégio no campo do humor: 1) o de ser enunciada de forma reverente, com ênfase em suas qualidades, por meio de um humor “soft”, “fofo”, que suscitaria o riso “bom-moço”, de acordo, de respaldo e de reiteração de um elogio vindo de outras esferas, mas expresso no campo do humor, por suas vias e meios; 2) o de ser enunciada de forma distintiva, com ênfase na desqualificação dos desvios e dos desviantes em relação àquilo que, segundo os discursos consensuais e as práticas por eles fomentadas e estabelecidas, se deve e se pode dizer e fazer quando o assunto é leitura.

Partindo de uma amostra de textos de gêneros típicos do campo do humor, como o cartum, a piada e o *meme*, cuja especificidade é o fato de terem feito da leitura tema essencial do que enunciam com vistas ao efeito humorístico, buscamos analisar o funcionamento discursivo desse tipo de produção cultural em circulação na atualidade, especialmente no universo digital, compartilhado por meio das redes sociais, tanto de autoria profissional quanto amadora, de modo a demonstrarmos nossa hipótese, segundo a qual, quando se produz textos de humor sobre a leitura, não se incita ao riso ou à crítica das maneiras consagradas de exercer essa prática ou de se referir a ela. A leitura encontra no humor um aliado no reforço do que tradicionalmente se considera serem suas qualidades e na manutenção da distinção daqueles que a exercem, ou seja, da idealização de quem é ou afirma ser leitor.

Com nossa análise desse funcionamento dos discursos sobre a leitura em gêneros humorísticos, visamos demonstrar a força disso que é enunciado da forma como é enunciado, considerando a importância para a promoção dessa prática, mas também o impacto que a reiteração de sua idealização pode ter sobre aqueles que já são impedidos socialmente do direito de ser leitor e que encontram nessa idealização uma barreira simbólica e a imposição da vergonha de sua condição não-leitora. Afinal,

Esse sentimento de vergonha e culpa espreita muitos brasileiros e se manifesta como uma experiência terrível de indignidade cultural. A vergonha resulta de um tipo de sanção social. Esse sentimento tem o peso de uma carência humilhante e castradora, em diferentes graus, e que se traduz em declarações que conhecemos bem: ‘Eu não tive leitura’; ‘Eu não tenho muita paciência pra ler’; ‘Eu nunca gostei muito de ler’; ‘Eu tenho uma preguiça de ler’; ‘Eu não tenho tempo pra ler’; ‘Eu não consigo me concentrar’; ‘Eu nunca fui muito desse negócio de leitura’. [...] Tal

como afirmam Bourdieu & Passeron (2014), além desse autojulgamento severo e resignado (eu sou assim), é comum se reivindicar o que se é e se faz (eu quis ser assim, eu escolhi ser assim), assumindo como escolha individual aquilo que a sociedade lhe impôs (Curcino, 2022, p. 10-11).

A análise discursiva do que se enuncia sobre a leitura em textos de formatos, extensões e origens as mais variadas pode nos permitir depreender regularidades e diferenças dos discursos sobre essa prática. Produções oriundas do campo do humor, dos gêneros que constituem nosso *corpus*, ainda que possam guardar uma qualidade disruptiva, dessacralizante em relação a práticas e sujeitos, não é isso que constatamos no tratamento que os textos aqui analisados reservam para a leitura e para aqueles que tradicionalmente são considerados leitores, como buscamos demonstrar na análise. É o desvio e a diferença em relação às representações tradicionais e consensuais do que é ser leitor que encontramos nestes textos que visam ao riso ocasião para impor a vergonha aos considerados maus leitores, aos considerados não leitores. É com vistas a compreender o funcionamento discursivo desses textos do campo do humor que, ao se referirem à leitura, exploram o sentimento de “vergonha” reiterando a inadequação daqueles que não leem ou não leem segundo a imagem idealizada do que é ser leitor, que analisamos esses textos com o objetivo de combatermos esses julgamentos em seu potencial danoso, aquele que impede sujeitos de vir a ser leitor, de se identificar com essa prática.

Em leitura, o que se caricaturiza?

“As representações possuem uma energia própria, e tentam convencer que o mundo, a sociedade ou o passado são exatamente o que elas dizem que são”. O historiador cultural Roger Chartier (2011, p. 23) dedica-se especialmente à história da leitura e da escrita no Ocidente, com especial atenção às práticas mais marginalizadas ou silenciadas em função de quem as exercia. Seus estudos de caráter histórico sobre leitores populares deram luz a uma série de práticas e sujeitos que haviam sido esquecidos pelos historiadores que até então tinham se interessado pela leitura. Parte do silenciamento desses sujeitos e de suas práticas tem a ver com a admissão cômoda, que ainda hoje frequenta discursos sobre a leitura, dessa representação segundo a qual seriam leitores apenas aqueles que, em função de sua origem social, puderam deixar registros de suas aquisições de livros, puderam colecioná-los, constituírem bibliotecas, deixarem registros dessa posse, e se fazerem representar em cenas de leitura, em pinturas, em diários, em notícias da imprensa, depois em fotografias. Embora essa impressão geral não seja de todo um equívoco – já que é justamente às camadas populares que se nega o acesso precoce, contínuo, de qualidade aos objetos e espaços culturais de prestígio, e aos seus membros que se impõem jornadas de trabalho impeditivas do exercício da leitura, prática que exige tempo, e tempo de qualidade – ela resulta de um estereótipo parcial, perverso e tendencioso, que vincula origem de classe a gosto estético como algo que viria de berço, ou a esforço meritocrático de quem “quis” e “se esforçou” para ser leitor, e que assim o sendo, encontra uma justificativa enobrecedora de sua condição socioeconômica

privilegiada. A obra deste historiador conta, portanto, com páginas incontornáveis para quem se dedica a estudar a leitura sobre a história dos leitores populares (Chartier, 1999, 2003).

Daí a importância de trabalhos como o do historiador Chartier a respeito das formas como foram (sub)representados, ao longo do tempo, os leitores de origem popular. Também são essenciais os trabalhos de estudiosos do tema no Brasil que, ao analisarem discursos sobre a leitura, têm buscado desmistificar uma série de idealizações equivocadas dessa prática e daqueles entre nós que podem ser leitores, que são reconhecidos como leitores, e que por isso não apenas têm o privilégio de exercê-la como também dispõem dos benefícios simbólicos que a demonstração dessa sua condição lhes garante.

A leitura, como afirma Curcino (2018), é tema recorrente entre nós, que emerge com bastante frequência em circunstâncias muito variadas. No entanto, temos a impressão, como afirma a autora, em função da pouca variedade daquilo que em geral enunciamos sobre essa prática, de que esse não é tema tão regular em nossas interações sociais. É a “ordem do discurso” que produz essa força de consenso que nos convence de que não falamos tanto assim da leitura, assim como é essa mesma ordem que torna natural e evidente que o que enunciamos é o que se deve de fato enunciar. A normalização de se enunciar tal como se enuncia hoje em dia sobre o que é ser leitor advém desse funcionamento discursivo produtor de consensos e com isso de sua obviedade e necessidade.

A maior parte desses discursos que nos fornecem o que dizer a respeito da leitura e de nós como leitores conta com uma circulação institucionalmente privilegiada. Em geral, é na escola, na universidade e em outros espaços de cultura letrada que são acionados e reproduzidos esses dizeres autorizados relativos a essa prática⁴ e que conferem autoridade a quem os enuncia. No entanto, a leitura é tema também de gêneros, sujeitos e circunstâncias mais desinstitucionalizados, mais informais, menos sérios e também por isso potencialmente mais subversivos. Referimo-nos à enunciação humorística, ou seja, à atualização desse tema “sério” em textos do campo do humor, em textos que se caracterizam, em especial, pela produção do riso, em função do que enuncia, mas sobretudo em função do modo como enuncia.

Com vistas a apreender o funcionamento específico dos discursos sobre a leitura em gêneros do campo do humor, neste artigo, analisaremos três textos de diferentes segmentos, origens, linguagens e formas de circulação, a saber, um cartum, uma piada

4 Sobre o papel dessas instituições na difusão dessas crenças, cf. Abreu (2001a).

e um *meme*⁵. Nosso interesse é descrever o que em geral se enuncia quando se tem por objetivo tratar humoristicamente a leitura, de modo a identificar que discursos são atualizados e quais representações dos leitores são convocadas nesses textos feitos para entreter, descontrair e produzir o riso por meio da caricatura, do exagero, da ironia, da derrisão, entre outros efeitos.

A leitura em cartum: quem lê evolui

Figura 1. Cartum do Cazo



Fonte: www.blogdoaftm.com.br

Este primeiro enunciado que selecionamos é o que em geral se designa como “cartum”. Trata-se de um texto em geral de origem jornalística, sincrético, com predomínio da linguagem imagética, composto de um único quadro, bastante semelhante à charge, com a diferença desta explorar temas do cotidiano, do presente imediato, caricaturando fatos e personalidades reais, públicas, reconhecíveis e que se tornaram notícia na edição em que se publica a charge, e o cartum tratar de temas mais gerais, coletivos e atemporais, seja de crítica cultural, social ou comportamental, e com os quais os leitores possam se reconhecer.

5 Estes 3 textos que analisamos neste artigo compõem o *corpus* de nossa pesquisa de doutorado, constituído de tirinhas, charges, cartuns, piadas e memes que abordam direta ou indiretamente o tema da leitura. Até o momento, foram coletados 57 textos, distribuídos nesses diferentes gêneros, entre os quais o gênero mais frequente é o da charge. O *corpus* coletado pode ser consultado, no Repositório Institucional da UFSCar, em: <https://docs.google.com/spreadsheets/d/1gEDQ8oUwLay2Y7FGQmPsdzUIFCHGWPxMefSgH22XaRQ/edit#gid=1834307353>.

A verve humorística do cartum é a via para olhar criticamente e também divertidamente quem somos nós ali retratados. Ele visa uma recepção crítico-recreativa, leve, mesmo quando diz respeito a temas sérios e polêmicos da condição humana e da vida em sociedade.

Neste enunciado em análise, o efeito crítico-recreativo resulta da criatividade do autor na atualização de uma imagem que dispõe de uma *memória* coletiva (Courtine, 2009) muito difundida, de pronto reconhecimento por todos nós. Nela vemos reproduzida a representação da evolução da espécie humana segundo uma lógica teológica que implica a afirmação de um progresso, de uma evolução positiva, de uma sucessão de avanços de um estado primitivo a outro mais avançado do desenvolvimento da humanidade.

Nessa escala evolutiva, são apresentadas várias versões de nós mesmos representando diferentes etapas da nossa evolução, das quais as três primeiras são assim frequentemente materializadas, com pequenas variações, dando ênfase à passagem de ancestrais quadrúpedes para bípedes, com a progressão para a postura ereta que permitiu ao homem liberar as mãos e com isso produzir instrumentos que permitiriam melhor dominar a natureza. Nos dois últimos estados de evolução se representa um homem moderno, de pé, vestido como na atualidade, mas com um objeto diferente daqueles que normalmente se representa nessa sequência tradicional da evolução da espécie. No cartum, o homem é colocado diante de um livro, e uma vez que ele o toma em mãos, ele é representado alçando um voo.

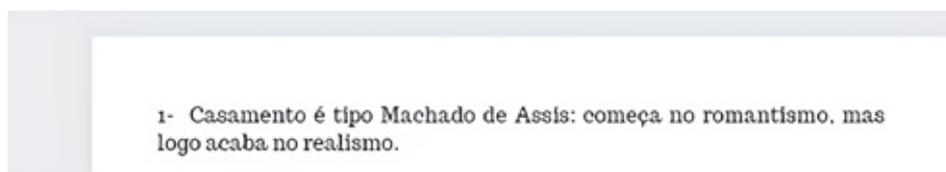
Esse último estado da sequência evolutiva do homem retoma uma representação clássica, por meio desse objeto específico, dos benefícios da leitura, dos efeitos dessa prática sobre o homem. Ele atualiza o discurso diversas vezes mobilizado em campanhas de promoção da leitura, segundo o qual quem lê viaja, quem lê dá asas à imaginação, quem lê se transporta para outros espaços, conhece outras culturas. Ele também explora o efeito de sentido segundo o qual, com a leitura, a humanidade dá um salto evolutivo. Essa mudança é representada de forma positiva, não apenas pelo valor eufórico de que goza a ideia de voar, de “alçar voo”, de se elevar no ar como signo de melhoria, mas também pelo traço de sorriso expresso apenas nesta etapa mais evoluída da humanidade, relativa à humanidade leitora.

O livro, como em tantas outras circunstâncias, é aqui representado como o objeto fetiche da cultura letrada, como o símbolo de nossa racionalidade a serviço de nossa distinção intelectual de outras espécies. Deleteriamente, também é usado como meio de distinção no interior de nossa própria espécie, como “divisor social da leitura”, segundo os termos de Curcino (2016, p. 233), “que norteiam o que sabemos, fazemos e dizemos sobre essa prática”, a partir dos usos sociais e estratégicos que dela se apropriam para o estabelecimento e a perpetuação dessas divisões, e dos estigmas culturais que as acompanham.

Neste cartum somos apresentados ao humor “soft”, “fofo” a que nos referimos antes e que diz respeito não à incitação de uma reação jocosa, crítica, ácida, condenatória de outras formas de humor. O riso visado aqui é aquele do respaldo, da confirmação, do reconhecimento e do fortalecimento de vínculo com o consenso compartilhado pelo enunciador e por seus interlocutores, todos nós leitores do cartum. Não há polemicidade. Estamos diante de um convite à partilha de uma representação da leitura e do leitor bastante aceita, conhecida, de fácil reiteração e em relação à qual é difícil se opor ou apresentar algum senão. A leitura dispõe, neste cartum, tanto do benefício do humor que elogia quanto do humor que enaltece reforçando com isso o efeito de distinção. Em certa medida, neste cartum, a representação idealizada do leitor explora esse benefício da distinção com o pressuposto de que aqueles que não leem não se encontram no mesmo estágio de evolução daqueles que leem.

Piadas para leitores: o prazer da distinção

Figura 2. Piada que se refere a Machado de Assis



Fonte: <https://blog.estantevirtual.com.br/2015/08/14/10-piadas-literarias-e-infames/>

Na Figura 2, apresentamos essa piada de leitura (Possenti, 1998) recortada de uma série de piadas publicadas neste *site*. Ela e muitas outras podem ser encontradas, com uma simples busca na internet, em variadas páginas pessoais ou institucionais, algumas dedicadas exclusivamente à indicação de obras, recomendação de autores ou comentários de leitores sobre outros leitores.

Na verdade, apesar dessa designação “piadas de leitura”, elas são antes “piadas para leitores”, uma vez que elas não fazem do alvo da piada, do objeto do qual se deve rir, as práticas de leitura. Nelas se reforçam representações bastante conhecidas do que é ser leitor, mas sobretudo se checam e se fortalecem os vínculos de quem se reconhece como leitor, de quem enuncia o que enuncia por ser leitor, e o faz dirigindo-se a um interlocutor que, da mesma forma, se sabe leitor, se sente membro de uma comunidade leitora capaz de compreender piadas que apenas leitores poderiam compreender. Ao humor, nenhum tema é indiferente, tudo pode ser matéria para o humor, e a leitura compõe esse rol do que pode ser enunciado sob o signo do humor. Ele também,

[...] não tem compromisso com a verdade. [...] Ele é uma espécie de passagem de um espaço para outro, ou seja, uma piada é como uma historinha que começa como se fosse verdadeira e em um certo momento explora-se um jogo de

palavras, o que impõe uma inflexão dessa condição, de modo que não se pode mais interpretar aquilo que foi narrado como algo sério, mas sim de um modo jocoso. Frequentemente, em sua interpretação é preciso descobrir o implícito, ou seja, aquilo que não está dito efetivamente, mas pressuposto, e que uma vez identificado, surpreende por não fazer parte do desenvolvimento daquela história, segundo a sua versão mais comum, mais típica ou mais prototípica. O humor tem [também] muito a ver com a surpresa e com o exagero (Possenti; Curcino *et al.*, 2020, p. 53).

As piadas são, portanto, narrativas breves, concentradas, voltadas por excelência ao fomento do riso. Uma piada da qual não se ri não é uma boa piada ou não foi bem contada. Ela não precisa gerar um riso escrachado e ruidoso. Pode sugerir um riso discreto, contido. Nesse quesito, as piadas em análise são de fato piadas bem-sucedidas, desde que lidas pelo público para o qual foram destinadas, uma vez que exigem a partilha comum de uma série de conhecimentos específicos que motivariam o riso.

Estamos diante de piadas seletivas, porque elegem um público e fazem dele um público seletivo. Menos pela forma, menos ainda pela pouca pompa ou circunstância de sua circulação, essa piada que, por tratar de um conteúdo considerado sério, referente a uma prática de prestígio em nossa sociedade, pode ser elencada no âmbito de um humor mais fino, ou segundo a caracterização de Possenti (2018, p. 30-31) de um “humor mais erudito”, em contraposição a um “humor mais popular”. O primeiro, segundo o autor, “exigiria alguma sutileza interpretativa e informações mais restritas [...]”, tal como ocorre com a primeira piada que apresentamos.

A graça desse tipo de piada tem a ver com a sua circulação restrita que, por essa razão, massageia o ego de todos desse grupo que podem rir do que nela é enunciado. O efeito de humor, nesse caso, depende da partilha de certos códigos internos de uma comunidade específica, dessa comunidade composta por quem no Brasil pode ser leitor e por quem normalmente é reconhecido nessa condição, ou seja, por quem não apenas sabe ler como também o faz de forma espontânea, sem uma finalidade exclusivamente prática, sem uma motivação que não seja simplesmente a de ler por prazer, especialmente livros de ficção extensos, alguns de lavra canônica. Esse conjunto de propriedades em comum não apenas permite a alguns sujeitos se sentirem autorizados a contar piada de leitura como também a rir das que lhe são contadas sobre o tema.

O humor resulta do reconhecimento de significados implícitos, da exploração da surpresa, do inusitado, ou seja, do que normalmente não seria previsível enunciar sobre um tema, ou ainda de jogos de palavras que fornecem outro *script* semântico, outra via de interpretação.

A primeira piada dessa amostra convoca nada mais nada menos do que Machado de Assis, uma instituição nacional, para o centro dessa pequena narrativa humorística. Para sua compreensão, é necessário ter ouvido falar dos períodos literários do Romantismo e do Realismo, de sua cronologia nessa ordem, e de suas especificidades, assim como é necessário saber que este autor iniciou sua carreira de escritor antes do marco temporal que separaria esses dois períodos, e que ele não apenas dispõe de obras em ambos os períodos como também alguns de seus livros são adotados pela crítica literária justamente como marco de delimitação de diferenças entre eles.

Para rir dessa piada é preciso compartilhar da opinião segundo a qual casamento é bom no início, mas depois nem tanto. É preciso compartilhar também, ainda que superficialmente, o conhecimento relativo a essa dupla e complexa condição de Machado de Assis como um autor que se constitui na cena literária brasileira no período de transição entre essas duas escolas literárias, primeiro o Romantismo seguido do Realismo. É preciso saber também que *Memórias Póstumas de Brás Cubas* é a obra que dá início ao Realismo segundo a crítica literária nacional e que por isso se tornou um cânone⁶.

Diferentemente do sentido específico desses termos usados para nomear duas correntes literárias nacionais, ligados a características comuns de obras publicadas em um período histórico específico, o sentido explorado na piada das palavras “romantismo” e “realismo” é aquele mais cotidiano e prontamente atribuído a essas palavras. A primeira equivaleria à propriedade de quem é romântico, sentimental, apaixonado. A segunda equivaleria ao que é real, ao que de fato é ou existe, sem idealização.

A comparação entre “casamento” e “Machado de Assis” é esdrúxula, produz estranhamento, para então encontrar plausibilidade nos usos do duplo sentido das palavras “romantismo” e “realismo”, que embora sejam idênticas do ponto de vista de sua materialidade linguística, foram mobilizadas em função de sua relativa polissemia. É o jogo com essas palavras, entre seu uso conceitual, como nome próprio, e seu uso como palavra, como substantivo comum, o que permite equivaler “casamento” a “Machado de Assis”, o que em nenhum outro texto, a não ser em piadas como essa, ocorreria.

Não é um tipo de piada refinada quanto a sua formulação, mas que podemos considerar como representante do rol do “humor erudito”, desse que implica a face de seus enunciadores e enunciatários, desse que assim como no exemplo do cartum analisado, explora o humor como meio para o elogio da leitura e como forma de distinção entre leitores e não leitores, entre aqueles que se consideram bons leitores e aqueles que são considerados por eles como maus leitores. A piada, tal como no cartum, produz um

6 Como cânones escolares, as obras de Machado de Assis são, em uníssono, consideradas fundamentais na formação leitora dos jovens. Tamanha é essa importância, tal como demonstram Andretta e Curcino (2012).

efeito de sentido semelhante: o da exclusão, o de sustentar o pressuposto de que apenas aqueles que leem podem usufruir desse outro prazer que é o de rir de piadas para leitores. Ela contribui, assim, para a reiteração dessa representação mítica do leitor.

O leitor mítico seria aquele que se enleva com os objetos da cultura, perdendo-se em reminiscências, experimentando a doce solidão aconchegante do ambiente literário. Leitor inexistente, imagem puramente projetada por espectros ideológicos, bons apenas para a conformação ao banal com verniz de filósofo (Britto, 2016, p. 66).

A construção dessa representação, sua reiteração, seu valor de verdade e sua força consensual encontraram solo fértil no Brasil.

Difundida [...] como atividade individual e solitária, como prática que para sua realização faz-se necessário *gosto, instrução, meios e saudável direção de espírito*, ela não poderia, como vemos se afirmar no passado e no presente, vingar no Brasil, onde a falta [de leitura] regula e assombra os dizeres sobre nós e de nós sobre nós mesmos. Tal pressuposto e trauma vêm orientando ao longo do tempo esse imaginário do déficit, essa síndrome de “primo pobre” que nos acomete (Varella; Curcino, 2014, p. 338-339).

Segundo esses discursos, o Brasil é reduzido a um país de não-letrados, de não-leitores. Ao reiterar isso, as autoras não buscam afirmar o contrário, ou seja, que o Brasil seria um país de leitores. Não o é nesses termos do mito, nem poderia ser, tendo em vista as condições desiguais de acesso ao direito à leitura. O que as autoras querem destacar, nesses casos, é a regularidade do discurso generalizante e depreciativo sobre os brasileiros como não-leitores.

A leitura em *memes*: o menosprezo que não tem graça

Este discurso da falta, da falha quando o tema é leitura no Brasil tem uma história⁷ e segue funcionando em nossa sociedade não apenas com base em uma constatação enviesada da realidade, mas também como mecanismo de reprodução dessa realidade, reiterando e produzindo um modo de identificação negativa, que impacta sobre nossas práticas por seu papel subjetivador, de fazer crer que somos assim, no passado, no

7 Acerca dessa história, cf. Abreu (2001a, 2001b, 2006).

presente e no futuro. Um exemplo típico da circulação deste discurso é o que se pode ler no *meme*⁸ a seguir:

Figura 3. Meme sobre a leitura

ainda é janeiro e eu já li mais
livros que a média brasileira lê por
ano



Fonte: Sistema de pesquisa *online* ME.ME⁹

Há dois enunciados verbais e uma imagem constituída de um *frame* de vídeo que, em conjunto, compõem este *meme*. A imagem com a legenda "Um beijo pra mim mesma", por si só circulou como um *meme*, que contou com relativa viralização graças à popularidade do vídeo de que originou. No vídeo de sua origem, não há nenhuma menção ao tema da leitura. Recortadas essa imagem e frase, tal como expressas no vídeo, elas são retomadas e circulam de forma autônoma nas redes, sendo articuladas a diferentes temas.

Neste *meme* que acrescenta um outro enunciado em relação ao outro *meme* em sua versão anterior, essa imagem e frase são empregadas em uma formulação que atualiza um discurso de longa data sobre a leitura e os brasileiros: "ainda é janeiro e eu já li mais livros que a média brasileira lê por ano".

8 Para conceituar *meme*, "Precisamos de um nome para o novo replicador, um substantivo que transmita a idéia de uma unidade de transmissão cultural, ou uma unidade de imitação. 'Mimeme' provém de uma raiz grega adequada, mas quero um monossílabo que soe um pouco como 'gene'. Espero que meus amigos helenistas me perdoem se eu abreviar mimeme para meme. Se servir como consolo, pode-se, alternativamente, pensar que a palavra está relacionada com 'memória', ou à palavra francesa *même*" (Dawkins, 2001, p. 214).

9 Disponível em: <https://me.me/i/ainda-%C3%A9-janeiro-e-eu-j%C3%A1-li-mais-livros-que-89aac130caa54c91b546a3497349c6db>.

Esse é um típico exemplo da expressão de orgulho individual, indiciada especialmente pelo efeito do enunciado “um beijo para mim mesma”. Tal como observa Curcino (2022), para a ostentação desse orgulho se explora a distinção de quem enuncia na comparação com os demais brasileiros de que fala.

Valendo-se da alusão a dados estatísticos de pesquisas que calculariam a média de “leitura” dos brasileiros, se explora esse senso-comum que perdura entre nós, acerca do alegado desinteresse dos brasileiros em relação a essa prática. De modo a validar o que é afirmado, com vistas a ancorar no real esse enunciado genérico sobre a leitura, o enunciador se vale de uma linguagem técnica, própria daquela mobilizada por pesquisas ao enunciar a sequência linguística “mais do que a média”. Busca-se assim produzir um efeito de verdade, a partir do recurso a essa linguagem de estilo “técnico”, e cuja eficácia depende do quanto o que é enunciado condiz com aquilo que em geral já circula como consenso sobre os brasileiros e sua relação com a leitura.

A crença de que brasileiros não leem, leem pouco ou leem mal é aqui enunciada de maneira derrisória. Ao analisar um dado distinto, mas no qual também se atualiza essa forma derrisória de se referir ao povo brasileiro como não leitor, Curcino (2022, p. 10) afirma que é toda uma sociedade que é ridicularizada ou tornada desimportante, rebaixada, em um modo de enunciar marcado pelo menosprezo ou desdém, que visa estabelecer uma distância entre quem enuncia e aquele(s) de quem se fala derrisoriamente, construindo-se, assim, “pelo mesmo gesto, uma autoafirmação positiva, orgulhosa de si, em relação a uma prática e ao *status* vinculado culturalmente a essa prática”.

O mote para o humor neste *meme* é justamente reafirmar esse déficit de leitura do povo brasileiro, tão prolífica e constantemente aludido em vários textos, por diversos sujeitos, nas mais variadas circunstâncias. Não é, portanto, prerrogativa de textos de viés humorístico esse tom denunciante, derrisório, que convida a rir de uma coletividade.

[...] o humor não diz nada de novo ou diferente de outros gêneros. Ele retoma algo conhecido e o apresenta em uma nova linguagem. O humor não inventa nada, ele exagera e intensifica (Possenti; Curcino *et al.*, 2020, p. 55).

O exagero, nesse *meme*, é expresso temporal e quantitativamente. Em muito pouco tempo, “ainda é janeiro”, se afirma ter lido “mais livros que a média [anual] brasileira” de leitura. É justamente essa diferença expressiva dessa coletividade a origem do orgulho da condição leitora e a razão de sua manifestação nesses termos contrastivos.

Este *meme*, assim como o cartum e a piada, mobilizam discursos consensuais sobre a leitura, sobre os leitores e especificamente sobre os leitores brasileiros. De um lado, se reitera de maneira eufórica as propriedades da leitura e as qualidades de quem é leitor; de

outro, se mobiliza em benefício próprio de quem enuncia, ou de quem se identifica com a posição enunciadora, a distinção em relação ao outro, àquele de quem se fala em termos pejorativos, seja ele um não-leitor genérico, seja uma coletividade composta da parcela a que se designa em geral como o “povo” de uma nação.

Considerações finais

Três tipos de texto do campo do humor. Três textos em que a leitura se fez tema principal. Em nenhum deles se ultrapassou os limites, ainda que em benefício do riso, daquilo que convencionalmente enunciamos porque devemos e podemos enunciar a respeito da leitura ou dos leitores. Essa prática e seus beneficiários encontraram no humor mais um meio de sua valorização e enaltecimento, isso muitas vezes à custa do rebaixamento daqueles que não leem, que não podem ser leitores, ou que mesmo sabendo ler e lendo no seu dia a dia, não são reconhecidos como leitores legítimos. Eles muito provavelmente não se divertem nem se identificam com o humor desses textos. Eles sabem que são o alvo da piada e não seus leitores-alvo.

Por isso, não devemos nos furtar de descrever esse funcionamento dos discursos sobre a leitura, em sua força, de um gênero discursivo a outro, de um enunciador a outro. É preciso desmontar esse mecanismo que contribui diretamente para a manutenção e perpetuação de uma violência simbólica de efeitos em nada negligenciáveis. Se parte majoritária da sociedade não é reconhecida como leitora, e por essa razão é submetida a sutis ou descaradas formas de humilhação cultural, muitas vezes sob o patrocínio do humor, e se a humilhação tem entre seus efeitos a capacidade de convencer quem é humilhado de que ele é a causa da humilhação e com isso impedi-lo de denunciar os verdadeiros responsáveis por sua condição, não podemos abrir mão de analisar, de descrever, de apreender esses discursos que nos fornecem o dizível sobre a leitura e a respeito do que é ser leitor, e principalmente de criticar seus usos, suas formas de atualização que propagam, simultaneamente ao elogio da prática, a naturalização da divisão social dos leitores.

Agradecimentos

Agradecemos a FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (processo 2021/11111-4) pelo apoio e concessão de bolsa de doutorado para a realização desta pesquisa.

Referências

ABREU, M. Diferença e desigualdade: preconceitos em leitura. *Ler e navegar: espaços e percursos da leitura*. Campinas: ALB, 2001a. p. 139-157.

ABREU, M. Diferentes formas de ler. *Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. 2001b.

ABREU, M. Apatia, ignorância e desinteresse: uma história da leitura no Brasil? *Revista Desenredo*, v. 2, n. 1, 2006.

ANDRETTA, P. I. S.; CURCINO, L. Machado de Assis e seus leitores da era da internet: o que se diz sobre os clássicos no SKOOB. *Leitura: Teoria & Prática*, Campinas, v. 30, n. especial, p. 205-214, 2012. Disponível em: http://www.pedroandretta.info/index/wp-content/uploads/2013/08/andretta_leitura-teori-a-e-pratica.pdf. Acesso em: 25 ago. 2023.

BRITTO, L. P. L. Leitores de quê? Leitores pra quê? In: BRITTO, L. P. L. *Ao revés do avesso*. São Paulo: Pulo do Gato, 2016.

CHARTIER, R. Defesa e ilustração da noção de representação. *FRONTEIRAS: Revista de História*, v. 13, n. 24, p. 15-29, 2011.

CHARTIER, R. Leituras Populares. In: CHARTIER, R. *Formas e Sentido – Cultura Escrita: entre distinção e apropriação*. Campinas: Mercado de Letras/ALB, 2003.

CHARTIER, R. Leitura e leitores 'populares' da renascença ao período clássico. In: CAVALLO, G.; CHARTIER, R. (org.). *História da Leitura no Mundo Ocidental 2*. São Paulo: Editora Ática, 1999.

COURTINE, J.-J. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: EDUFSCar, 2009.

CURCINO, L. Leitores orgulhosos, leitores envergonhados: as emoções em discursos sobre a leitura. *Revista Álabe - Revista de Investigación sobre Lectura y Escritura. Red Internacional de Universidades Lectoras*, Espanha, n. 25, 2022. Disponível em: <https://ojs.uai.es/ojs/index.php/alabe/article/view/7695>. Acesso em: 23 ago. 2023.

CURCINO, L. *Divisões e representações sociais de leitores no Brasil: uma análise de discursos da mídia sobre as práticas de leitura de políticos brasileiros*. 2018. Relatório científico (Pós-doutorado 2016-2018) – Universidade Estadual de Campinas/Université Versailles Saint Quentin en Yvelines, Campinas/Versalhes, 2018.

CURCINO, L. Discursos hegemônicos sobre a leitura e suas formas de hierarquização dos leitores. In: CURCINO, L.; SARGENTINI, V.; PIOVEZANI, C. (org.). *(In)subordinações contemporâneas: consensos e resistências nos discursos*. São Carlos: EDUFSCar, 2016. p. 231-249.

DAWKINS, R. *O gene egoísta*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2001.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970; tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

POSSENTI, S.; CURCINO, L. *et al.* Estudos Linguísticos, humor, política e ensino de Língua: Entrevista com Sírio Possenti. *Revista Heterotópica*, v. 2, n. 1, jan./jul. 2020. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/RevistaHeterotopica/article/view/55561> Acesso em: 10 jun. 2023.

POSSENTI, S. *Cinco ensaios sobre humor e Análise do Discurso*. São Paulo: Parábola, 2018.

POSSENTI, S. *Os humores da língua*: análises lingüísticas de piadas. 1998.

VARELLA, S. G.; CURCINO, L. Discursos sobre a leitura: uma análise de vídeo-campanhas em prol dessa prática. *Revista Desenredo*, v. 10, n. 2, 2014.